



Universidade de Brasília

Lucas Gomes da Silva

**Performance na Escola: Inventando espaços sobre as condições do
ensino do teatro na escola**

Brasília

2017

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS**

Lucas Gomes da Silva

**Performance na Escola: Inventando espaços sobre as condições do
ensino do teatro na escola**

Brasília

2017

Sumário

<u>Introdução</u>	4
<u>Da performance à sala de aula</u>	7
<u>A performance e o teatro na escola</u>	11
<u>A performance na escola: percurso da pesquisa</u>	15
<u>Diagnose</u>	15
<u>Sobre a escola</u>	16
<u>Projeto Pedagógico de Curso: PPC</u>	16
<u>A pesquisa</u>	17
<u>A performance</u>	36
<u>Depoimentos sobre a performance</u>	38
<u>Conclusão</u>	43
<u>Referências</u>	45

Introdução

“Antes do homem estar consciente da arte ele tornou-se consciente de si mesmo. Autoconsciência é, portanto, a primeira arte. Em performance a figura do artista é o instrumento da arte. É a própria arte.”

(Gregory Battcock apud COHEN, 2007, p. 76)

Embora a performance seja um gênero plenamente estabelecido no cenário artístico internacional e no brasileiro, é completamente desconhecida por muitos outros grupos da sociedade, incluindo-se a essa variedade de grupos os alunos dos ensinos fundamental e médio.

Quando se observa por seus olhos, a performance torna-se quase um gênero de artistas para artistas e seus admiradores, um terreno em que os não iniciados são tolhidos de compartilhar suas sensações e seus *insights*.

Segundo Medeiros (2005, p. 32), "para que algo seja arte, é necessário que alguém designe determinado objeto como arte". Desse modo, a arte fica presa em uma redoma, sacralizada e destituída de seu poder de provocar a reflexão do cotidiano. Assim enfrenta grandes dificuldades no contexto da educação, pois o que é vigente é uma educação fragmentada, na qual a arte é geralmente colocada fora do fazer artístico e diferenciada dos projetos pedagógicos.

Existe um racionalismo e um formalismo excessivos nas formas de conhecimento, o que retira da sensibilidade e da intuição o seu elemento de ser uma forma de conhecer juntamente com a razão. A arte até então era prescrita na escola não possibilita experiências de êxtase aos alunos, ela apenas integra o que já existe.

Nas palavras de Cohen (2007, p. 62), é necessário penetrar o desconhecido para se descobrir o novo. Para isso, é necessário desenvolver estratégias de superar esse enclausuramento simbólico em que a arte foi colocada e inseri-la no cotidiano. |

Desse modo, tornam-se relevantes as dificuldades de um professor de artes em ensinar ou transmitir arte em um ambiente escolar e as dificuldades que alunos imersos no consumo cultural de entretenimento têm ao se deparar com a novidade, com o desconhecido, pois, no contexto em que se deu esta pesquisa, foi possível notar uma total falta de familiaridade com aquilo que é conhecido como performance, tanto no meio artístico quanto no meio acadêmico.

No decurso da pesquisa, tornou-se perceptível o motivo de tamanho estranhamento de pessoas tão jovens, que geralmente, costuma-se acreditar, são mais abertas à descoberta por estarem em formação. Ao se trazer a performance para a sala de aula, é apresentado algo muito além do que estão acostumados a serem ensinados e muito além daquilo que consomem como produto artístico e que naturalmente entendem que devem reproduzir. Fomos educados a nos portarmos, a calar a boca, a agir e não pensar. "Fomos educados a portar nossos corpos como se esses fossem alheios ao todo do ser, nos comportar e suportar" (MEDEIROS, 2005, p. 91).

Durante a pesquisa, quando a turma era apenas observada, essa dificuldade foi percebida, pois, quando a professora titular propunha exercícios de improvisação, os alunos de 13 e 14 anos utilizavam um formato realista de interpretação, tentavam chegar o mais próximo daquilo que viam na TV, ou seja, recorriam a formas pré-concebidas e estereotipadas que sua "educação" reforça cotidianamente em seu imaginário.

Em se tratando de crianças, é chocante que sua criatividade esteja limitada pelo fazer reproduzido, uma necessidade quase que normatizada de parecer com o que é visto nas telenovelas e nos filmes, de reafirmar a informação dada, sem criticar ou explorar as possibilidades. Um policial tem que parecer um policial, um garçom tem que parecer garçom, sempre surge a figura do bem e do mal, claramente representada por uma mocinha indefesa e um assaltante que rouba celulares, referências do melodrama televisivo.

Obviamente, nessa estrutura de vida, fica mais difícil dissociar figuras tão arraigadas no imaginário dos jovens alunos. Mostrar um vídeo em que uma

mulher se penteia em frente ao espelho e repete sucessivamente que é linda, causa um enorme estranhamento.

Há uma clara percepção de que, para esses alunos, a arte está desassociada da vida, está enclausurada em algum lugar muito distante da vida cotidiana. Artistas são as figuras da televisão, cantores pop, aqueles caras dos livros de história da arte que pintaram uns quadros há mais de 500 anos e que eles são obrigados a ler.

Existe, assim, um entendimento de que neles não existe arte, de que neles não existe a capacidade de produção de arte, há apenas uma mera aproximação do que outros fazem, não eles.

Segundo Mendes (2011, p. 23), "O homem educado não é aquele que reúne um grande cabedal de conhecimentos singulares ou de informação, mas aquele que tem uma visão de totalidade que lhe permite uma leitura coerente dos fatos e acontecimentos isolados".

Se há algo que a arte pode fazer na escola, é aproximar-se dos comportamentos culturais da comunidade local para reinventá-los e mudar o valor das coisas (MENDES, 2011, p. 25). Contrariando essa perspectiva instituída que coloca à margem da fruição da arte determinados grupos sociais, há algo da arte contemporânea para ser ensinado: seus modos de operação.

É preciso trabalhar na desconstrução de valores e, principalmente, na alteridade desses alunos, tirando do professor o papel de senhor da verdade, dando-lhes espaço para que possam se expressar, para que, a partir do que eles nos dão, seja possível construir uma performance que se aproxime mais e mais de suas histórias, vidas e principalmente de sua relação com o espaço escolar. Espaço esse que atualmente parece tão sem significado para esses alunos, ou cheio de significados distorcidos. Um lugar onde o estudante, no auge de sua adolescência, de suas descobertas e seus conflitos, é obrigado a sentar, decorar o que é dito, para depois fazer uma prova e passar de ano, com pouco ou nenhum espaço para intervir em um ambiente tão cheio de regras e ordem estabelecidos e inconsciente da gama de possibilidades que esse ordenamento esconde.

Por ser um gênero completamente desconhecido pelos alunos e por muitos grupos da sociedade, por ser quase um gênero de artistas para artistas e seus admiradores, a performance traz vários desafios para sua inserção no contexto escolar e sobre o modo como esse conteúdo deve ser trabalhado. Daí a importância de se investigar a performance dentro da educação.

Da performance à sala de aula

Com sua característica preponderante de arte do simbólico, a arte cênica proporciona um estímulo para outras leituras dos acontecimentos da vida (COHEN, 2007, p. 118). Desse modo, o público é levado à experiência de decodificação mágica da realidade por meio do espetáculo.

Dado que, em todas as épocas, as experiências essenciais do teatro se deram fora do espaço destinado a ele, uma obra se torna interessante quando une duas palavras ou ideias que nunca foram colocadas juntas, resultando em um discurso próximo do delírio e de uma verdade sempre delirante. A arte não tem nenhuma relação com o “bom senso” ou com o “senso comum”; para dizer com todas as letras: “a arte não tem nenhuma relação com o sentido” (GLUSBERG, 2013, p.124).

Na concepção de Cohen (2007, p. 87), o artista é um relator privilegiado de seu tempo, que tem condição de captar e transmitir aquilo que todos estão sentindo e materializá-lo em forma de discurso ou obra.

Assim, a performance, como um gênero cênico discursivo, ainda conserva as principais características da linguagem cênica, mas apresenta-se como uma linguagem de interface entre os limites disciplinares, que busca o desenvolvimento pessoal do indivíduo, não separando de forma rígida a arte e a vida.

“O que está em jogo nesse caso é o sentido, e não as formas das ações corporais; ou, em termos linguísticos, seus significados, não seus significantes” (GLUSBERG, 2013, p. 67).

É como uma provocação que a performance se insere no panorama das artes, como algo que anseia por perfurar uma redoma em que a arte, já extremamente institucionalizada, estava enclausurada, totalmente desligada da vida.

A performance está ontologicamente ligada a um movimento maior, uma maneira de se encarar a arte; A live art. A live art é a arte ao vivo e também a arte viva. É uma forma de se ver arte em que se procura uma aproximação direta com a vida [...] em que se estimula o espontâneo, o natural, em detrimento do elaborado, do ensaiado” (COHEN, 2007, p. 38).

"Em sua etimologia, a palavra performance pode significar execução, desempenho, preenchimento, realização, atuação, acompanhamento, ação, ato, explosão, capacidade ou habilidade, uma cerimônia, um rito, um espetáculo, execução de uma peça de música, uma representação teatral ou um feito acrobático" (GLUSBERG, 2013, p.72). É tanta vida e tanta possibilidade que esse gênero, ao passo que se destaca, também se torna marginal de certo modo.

A performance sempre está conectada a um contexto, algo precisa estar acontecendo para que haja a performance. Em dado instante e momento, a performance somente se caracteriza se estiver contextualizada em uma sequência maior, ela funciona como uma instalação da realidade. "A vida da sociedade será uma das maiores fontes de elementos para arte da performance" (GLUSBERG, 2013, p.7).

Richard Shechener (2012) define performance como ação e propõe explorá-la em diferentes domínios, nos quais as práticas artísticas aparecem ao lado de rituais, atividades esportivas, comportamentos cotidianos, modos de engajamento social etc.

Como o trabalho da performance se dá em todos os canais de percepção, de forma alternada ou simultânea, ele se constrói com base em experiências tácteis, motoras, acústicas, cinestésicas e, particularmente, visuais.

A performance foi feita para a provocação, para o questionamento, para a ação que muda alguma coisa no tempo e no espaço. Essas características tornam a performance um instrumento valioso para atuar na educação, de forma humanizadora e que quebre os artificialismos cotidianos para inserir a experiência do sujeito em seu processo de formação.

O que interessa primordialmente numa performance é o processo de trabalho, sua sequência, seus fatores constitutivos e sua relação com o produto artístico: tudo isso se fundindo numa manifestação final. A cultura nos leva a tomar como naturais as sequências de ações e comportamentos a que estamos habituados, porém a semiótica vai questionar as condições de geração dessas ações e os fatores determinantes das mesmas (GLUSBERG, 2013, p. 53).

As grandes matérias primas da performance são o tempo e o movimento. Segundo Glusberg (2013, p.67), "uma performance pode ser estática, mas nunca atemporal, ou, se quiser, pode ser diacrônica, mas não sincrônica". Mesmo o tempo se sobressaindo sobre o movimento, visto que é um fato dado, a estaticidade ou o dinamismo de uma performance podem se conjugar com o seu desenrolar temporal.

Pelo fato de as performances realizarem uma crítica às situações da vida, sua inserção na educação desperta no indivíduo o sentido de observar a impostura dos dramas convencionais e, sobretudo, a natureza estereotipada de nossos hábitos e ações.

Provocar uma extremização do cotidiano com a performance é capaz de promover uma ruptura com os padrões tradicionais do viver e desencadear uma ruptura com os códigos do teatro e da dança, que estão longe de serem estranhos à arte da performance (GLUSBERG, 2013, p.72).

Dessa maneira, a performance vai criando o seu próprio corpo gravitacional, composto por sentidos, formas, e não conteúdos, o que permite ao indivíduo explorar uma outra forma de inteligir a realidade, diferentemente de um formato racionalista adestrador.

A eliminação de um discurso mais racional e a utilização mais elaborada de signos fazem com que o espetáculo de performance tenha uma leitura que é antes de tudo uma leitura emocional. Muitas vezes o espectador não “entende” (porque a emissão é cifrada) mas “sente” o que está acontecendo (COHEN, 2007, p. 66).

Quando um performer está em cena, ele está compondo algo, ele está trabalhando sobre sua “máscara ritual” que é diferente de sua pessoa do cotidiano. Nesse sentido, não é lícito falar que o performer é aquele que “faz a si mesmo” em detrimento do representar a personagem. O aluno, atuando como performer, estaria compondo sua cena diante da realidade com o distanciamento de sua máscara ritual, pois toda construção da realidade social tem potencial performativo.

"Em performance a figura do artista é o instrumento da art. É apropriar art" Shechener (apud GLUSBERG, 2013, p. 1).

A partir dessa definição, surge o objetivo de construir uma performance entre a turma observada e criar um material artístico usando as próprias realidades cotidianas dos alunos e a própria realidade da escola, agregando nessa performance seus problemas, estruturas escolares, identidades pessoas, agressões tanto físicas quanto simbólicas, realidade social dos alunos e dos professores, realidade do dia a dia da escola e da turma e no final apresentar esse trabalho e formato de performance para toda a escola e usando o espaço escolar.

Superando os problemas de formas e materiais, os artistas mostram seu próprio corpo numa atitude de reencontro consigo mesmos. Ao invés de uma religião capaz de impor sentidos aos atos, tudo ocorre como se no lugar do sagrado se instaurasse uma atitude orientada pelo secreto (GLUSBERG, 2013, p. 51).

A performance e o teatro na escola

Para Soares (2010, p. 95), propor uma poética do efêmero para o ensino do teatro na escola pública deve-se construir a partir de uma atitude lúdica do olhar e esse trabalho enfrenta, muitas vezes, uma resistência devido ao discurso de que a arte não é formativa, de que a aula de artes é recreativa, há uma visão muito equivocada sobre o trabalho que o lúdico exerce no processo educativo.

O desafio de um professor de artes cênicas na escola é trabalhar as premissas básicas do jogo teatral, pois, fazer teatro é aprender a jogar, é o jogo é relação com um outro, consigo mesmo e com o meio ambiente à sua volta.

Jogar exige a atitude de um corpo e uma mente presente, disponível, aberta para apreender a sutileza do momento, sendo o olhar a função que determina a qualidade da presença do aluno em sala de aula e na relação com o jogo teatral. (SOARES, 2010, p. 53)

Para se entender o teatro como disciplina é necessário ter a perspectiva de que o teatro é um sistema de representação semiótica, que envolve relação e é acessível a todo ser humano, pelo fato de que a relação está presente em todos os momentos do cotidiano, pois o ser humano é um ser de linguagem.

Com essa perspectiva, adoto aqui as palavras de Soares (2010, p.27): "Que teatro pretendemos ensinar? Um teatro que reproduz o mundo que impõe valores, que dita as regras do bem feito ou um teatro que abre as portas da imaginação?", e acrescento a necessidade urgente de se estabelecer um ensino de teatro que não crie certezas, mas que provoque a curiosidade, a imaginação e a paixão.

Na experiência estética com o jogo teatral, o aluno não está diante de conceitos, de ideias fechadas, acabadas a respeito do mundo, mas diante de uma realidade cênica, que possui uma organização formal que, ao ser percebida direta e sensivelmente, transporta o jogador ou o observador para um espaço diferente da vida cotidiana (SOARES, 2010, p.41).

Trabalhar em espaços não convencionais gera a quebra com a rotina, com o fato dado da vida e traz para o aluno uma nova relação de

aprendizagem: "a percepção do jogo enquanto elemento de totalidade, de movimento e de criação de uma forma em processo contínuo de construção e desconstrução" (SOARES, 2010, p. 145).

Na formação do sujeito do conhecimento é encontrada a saída contra aquela educação apenas técnica e informativa (MENDES, 2011, p.23). Assim o jogo teatral propicia um engajamento do aluno no jogo teatral e facilita a quebra de estereótipos, permitindo o surgimento da inventividade.

Segundo Soares (2010, p. 124), "uma imagem, uma música, uma palavra, qualquer motivo pode servir como estímulo à criação cênica" e é esse o trabalho que deve ser feito em sala de aula, mesmo com as limitações culturais, de acesso e inclusive morais. O professor de artes tem o trabalho de romper com o véu da verdade dada, do mundo formatado e estimular nos alunos a exploração, a criação, a resignificação.

No processo de resignificação da realidade, uma lata de lixo ou uma carteira, por exemplo, agora não pertencem mais apenas a seu campo original de significado, o de objeto prático e utilitário. Por meio de um olhar direcionado, e esse é a grande matéria prima do professor, objetos cotidianos assumem papel de, um elemento expressivo e conclusivo de uma pequena performance.

As mudanças no contexto cultural brasileiro exigem do professor de teatro a ampliação do ensino do teatro para além da "sensibilização", para além do ensinar dos modelos já estabelecidos, colocando-o para fora da sala de aula e o fazendo atuar no pátio da escola, na rua, no bairro, como um agente cultural que aproxima arte, educação e cultura. (MENDES, 2011, p.25)

A atitude lúdica deve nortear as ações pedagógicas, pois permite encontrar, no ambiente escolar, a poesia e a teatralidade das formas e reconhecer seu sentido humano nas relações da escola. É com esta perspectiva que encontramos novos caminhos para dar aos nossos sonhos a dimensão de realidade. Para muito além de um produto acabado, é possível vislumbrar aquilo que se constrói a cada instante.

Assim, inserir a performance no contexto escolar, pensando em ocupar a escola, seus espaços vazios, seus lugares e não lugares, e usar o corpo dos

alunos, o material humano trazido por eles, para tornar expressivas suas percepções de mundo no contexto em que vivem, dentro de suas histórias pessoais e coletivas, constitui-se objeto de investigação tanto em educação quanto em arte, oferecendo oportunidades de examinar o quanto a arte tem de educadora e o quanto a educação pode se valer da arte como instrumento ou como essas duas áreas dissolvem suas fronteiras para formar uma perspectiva nova de educar, de humanizar, de tornar consciente.

Este trabalho é o resultado de uma pesquisa de campo feita em um colégio de uma cidade satélite do Distrito Federal e se estruturou basicamente em inserir na performance a figura dos alunos e do ambiente escolar como instrumento de construção artística, levando em consideração a relação que eles estabelecem com a escola, seu bairro, o trajeto cotidiano de ir e vir, os suportes tecnológicos de que se apropriam no dia a dia, as músicas que escutam, os programas de TV que assistem, os conflitos sociais que vivenciam, a interação entre alunos moradores de cidades satélite diferentes e as diferenças de poder aquisitivo entre elas. Tudo isso, todo esse instrumento humano e material transformado em uma performance, ou sendo a própria performance, como diria Richard Schechner.

Este trabalho tem como objetivo realizar um estudo de caso sobre a performance inserida no contexto escolar, com o intuito de ocupar a escola, seus espaços vazios, seus lugares e não lugares, e usar o corpo dos alunos, o material humano trazido por eles, para tornar expressivas suas percepções de mundo no contexto em que vivem, dentro de suas histórias pessoais e coletivas.

A pesquisa também visou contextualizar a performance no contexto escolar; examinar as fronteiras entre arte e educação; desmistificar a performance e mostrar que ela está mais inserida no contexto social do que se pensa; colaborar para que a performance saia do campo do hermético e se torne, de certa forma, mais acessível ao público escolar; e aproximar ao fazer artístico do aluno a sua história e da sua realidade dentro do ambiente escolar e social.

Tomando como pressuposto todo esse contexto, surgem diversas perguntas que vão conduzir esta pesquisa: Qual seria o sentido de inserir o estudo da performance no contexto escolar? E acrescenta-se mais: Por que ensinar performance nas escolas? Qual a contribuição social disto? Por que o ensino de teatro na escola ainda está condicionado ao velho formato, (texto, palco), se a realidade da escola e do aluno é muito mais dinâmica e atenta com o uso das novas tecnologias? Em que a performance pode contribuir na formação e constituição da identidade do sujeito? Que mudanças no comportamento dos alunos podemos notar ? O que, a partir da história do sujeito pode ser usado na construção da performance? Como fazer com que os alunos e professores possam se apropriar do espaço escolar? O que e os alunos têm a dizer a partir de uma performance artística?

A performance na escola: percurso da pesquisa

Ao apresentar vídeos e imagens de performers famosos em uma aula, foi possível constatar que poucos conheciam esse gênero. Quando foi perguntado aos alunos o que eles acharam das imagens e vídeos, as respostas, em geral foram: “nada a ver”, “sem noção”, “esquisito”, “ feio”, ou seja, uma clara rejeição ao que está sendo apresentado. O novo choca, o novo é estranho, o novo não é bonito.

Para a construção desta pesquisa, uma mesma turma de sétimo ano do Centro de Ensino Fundamental nº 2 do Cruzeiro foi observada durante o segundo semestre de 2013, todas as quartas-feiras, no período da tarde. Foi aplicado questionário para os 25 alunos da turma, com a finalidade de levantar a diagnose.

Diagnose

A maioria dos alunos observados é de classe média e média baixa. Não há alunos carentes, pois todos possuem TV a cabo, moram no Cruzeiro¹, frequentam cinema, *shopping centres*, viajam com frequência mínima de uma vez por ano, frequentam dentistas, todos têm celular e, embora a maioria nunca tenha ido ao teatro, todos têm acesso ao teatro, só não vão por falta de costume e de interesse.

Praticam esportes em academias e clubes particulares tais como caratê, natação, escolinha de futebol, judô etc.

Todos possuem celulares de última geração.

A idade da turma varia entre 11 e 13 anos e há um único aluno fora da faixa etária da turma, com 15 anos.

¹ Região Administrativa – RA do Distrito Federal com predomínio de moradores de classe média.

É uma turma pequena, calma e extremamente participativa, com enorme interesse pelas aulas de Teatro\Performance, acham as aulas divertidas e se sentem livres para se expressar.

Sobre a escola

O Centro de Ensino Fundamental 2 do Cruzeiro é uma escola de ensino fundamental localizada na RA Cruzeiro, em Brasília. É tido como referência escolar na região e é uma instituição pública fundada em 22/10/1974, exclusivamente uma escola de ensino fundamental dirigida há seis anos pela diretora Selma Marcelina Barbosa.

A escola possui 55 professores nos dois turnos e 2 (dois) secretários escolares. Atende 733 alunos no ensino fundamental, em torno de 20 a 30 alunos por turma. A escola também possui em sua infraestrutura uma sala para ensino especial e um laboratório de informática. Os alunos procedem, em sua maioria da RA Cruzeiro, zona urbana, uma pequena parte procede da RA Estrutural e uma minoria vem de cidades do entorno, tais como Cidade Ocidental e Valparaíso. A escola é mantida unicamente pelas verbas do governo e é afiliada da Secretaria de Educação do Distrito Federal.

Projeto Pedagógico de Curso: PPC²

O seu Projeto Pedagógico de Curso estava atualizado para o ano da pesquisa e está em constante construção junto à comunidade escolar, que dá apoio ao trabalho dos professores e contribui com o andamento do ano letivo. A coordenadora assumiu que o projeto está em constante construção e que os resultados podem ser avaliados durante e ao final de cada ano letivo, assumiu também que tem conseguido resultados efetivos durante esses últimos dois anos. Existem projetos ligados diretamente ao professor.

A escola trabalha a interdisciplinaridade no dia a dia, em ações que estão no currículo oculto³ da escola: meio ambiente em aulas de biologia,

² Projeto Pedagógico de Curso (PPC) é a nova nomenclatura para Projeto Político Pedagógico (PPP).

³ O currículo oculto é constituído por todos aqueles aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial, explícito, contribuem, de forma implícita para aprendizagens sociais relevantes (...) o

orientação sexual nas aulas de ciências humanas, drogas etc. Na escola existe o projeto PDS, que interliga geometria, leitura e produção de textos.

A carga horária da escola está de acordo com a LDB e com os PCN, sendo que, na disciplina de artes, as aulas são divididas em duas aulas por semana, com duração de 45 minutos cada aula, totalizando 90 minutos de aulas semanais, a escola adota o uso de livros didáticos elaborados pelo MEC em conformidade com a Secretaria de Educação e dentro dos padrões elaborados pelos PCN. O recorte curricular feito pela escola contempla o que é pedido nos PCN, com o privilégio de que o professor tem de elaborar suas aulas de acordo com os currículos.

A pesquisa

Durante o período da pesquisa, os alunos foram ouvidos e observados atentamente, levando-se em consideração o que necessitavam dizer ou o que gostariam de expressar. As atividades propostas tinham sempre o objetivo de fazer com que os alunos falassem algo de si ou de como estavam se sentindo.

O trabalho desenvolvido tem por base a perspectiva do observador participante. Por meio do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID), sob a orientação da Professora Doutora Clarice Costa, este pesquisador conduziu as aulas e a construção da performance.

Foi ministrada aula para contextualizar o que é a performance, tendo em vista a falta de acesso a esse gênero no cenário escolar. Foram colhidos vídeos, imagens e fotografias das aulas e dos momentos de criação, depoimentos, partituras corporais dos alunos, gostos, estilos musicais, filmes, séries, programas de TV preferidos, desenhos e pinturas, danças, tudo com o objetivo de montar a performance com base na história de vida de cada um do grupo e de como cada um se relacionava com o cotidiano daquela escola.

que se aprende no currículo oculto são fundamentalmente atitudes, comportamentos, valores e orientações (SILVA, 2001, p. 78).

O trabalho com os alunos foi documentado em fotos e vídeos, juntamente com os depoimentos dos professores e alunos que assistiram a performance e dos próprios alunos performers, que a criaram e executaram!

Também foi produzido um diário de pesquisa, com o registro do planejamento das aulas e minhas impressões a respeito do processo. Do dia 28|08|2013 até o dia 20|11|2013, quando foi apresentada a performance, foi feita a observação e a coleta de dados para o presente estudo.

Dia 28|08

Conteúdo: Performance

Atividade: Analisar vídeos e imagens de performers famosos, tais como Pina Bausch, Marina Abramovic, Damien Hirst.

Objetivo: Contextualizar e conceituar o que é performance.

Resultado: Entendimento por parte dos alunos sobre o que eles irão construir e apresentar.

Estratégia: Aula expositiva, apresentação de vídeos e imagens, conversa no final sobre o que cada um entendeu.

Foi ministrada uma aula, cujo objetivo principal foi contextualizar o conceito de performance e dar um entendimento mínimo para que possamos seguir em frente com a construção da performance. No vídeo da performance com bailarinas da companhia Pina Bausch no metrô, surgiram vários comentários, tais como: “elas são loucas”, “que chato isso”. Sempre aquele olhar de novidade estranha, o estranhamento.

Explico, nesse momento, que existem várias intenções das bailarinas performers, tais como: provocar o ambiente rotineiro, trazer outro olhar sobre o ambiente que todos conhecem e que é tão comum a todos. Mudar o olhar dos transeuntes, provocar poesia em um lugar conhecido pela hostilidade, muitas possibilidades!

Com esse vídeo deixei claro que esse exemplo mostrava como poderíamos nos apropriar do espaço da escola: "Se as bailarinas podem dançar no metrô, vocês podem dançar e recitar nos muros e espaços da escola".

Dia 04|09



Figura 1. Trabalho com balões e tintas.
Fonte: Elaboração própria.

Atividade: Primeiro dia de criação da performance, com balões e tintas criamos a performance identidade.

Objetivo: Criar uma performance na qual cada aluno pudesse expressar o que sentia através de um balão e depois como o grupo poderia expressar como se sentia através de vários balões.

Resultado: Fotografias da turma, interação dos alunos, criação da performance, alteridade dos alunos.

Estratégia: Balões, tintas e liberdade.

Esse foi um dia bastante interessante, começamos a brincar, a usar o lúdico como arma para ativar a criatividade dos alunos! Levei balões, todos cor de rosa, com a intenção de que eles fossem pintados e transformados em máscaras. Usamos, além dos balões, tintas guache cedidas pela escola e

pintamos em cada balão os rostos de cada um. Falei: "Pintem no balão, como vocês imaginam o rosto de vocês! Saíram imagens muito interessantes e pude notar a personalidade dos alunos em cada pintura, percebi que todos se envolveram de uma forma muito interessante e participativa, não teve um aluno que não se envolveu com a proposta, o que me deixou muito empolgado para as próximas atividades!

Logo após, sugeri que brincássemos com esses balões, propondo uma interação para que pudéssemos trocar os balões, trocar os rostos de cada um, sempre tentando contextualizar os símbolos para que ficasse claro para os alunos o que estavam criando e o que estavam produzindo!!

Para não ficar o feito pelo feito ou a aula da recreação, eu e a professora tivemos a preocupação de deixar o propósito da atividade sempre consciente. Pude notar que o aluno X, um aluno que, podemos dizer, era mais rebelde e com comportamento mais agressivo, finalmente interagiu de uma forma bastante interessante, produzindo sua máscara e jogando com os outros colegas, sem agressividade e se mostrando bastante criativo!

Dia 11|09



Figura 2. Elaboração da performance e exercícios
Fonte: Elaboração própria.

Atividade: Elaboração da performance, dançar usando sacos plásticos ao som da música *The Way You Look Tonight*, elaborar poesias individuais e criar uma parte da *Bauschiana*.

Objetivo: Elaborar a performance ativando a criatividade, criação de textos autorais dos alunos em forma de depoimento pessoal e refinar sempre a criação para a apresentação final na escola.

Resultado: Filmagens, interação da turma, criação da performance, criação de textos, catarse de alguns alunos e alteridade dos alunos.

Estratégia: Sacola plástica, jogos de aquecimento, uso de música para relaxamento.

Nesse dia, começamos a prática da performance! Na aula anterior, havia pedido para que trouxessem poesias individuais, sacolas plásticas pretas! Com os vídeos das bailarinas no metrô, pedi para que lessem suas poesias e a imagem ficaria rodando em projeção, tivemos imagens e poesias bastante interessantes, outras nem tanto. Mas foi bom de perceber o fascínio dos alunos em ver a projeção por trás.

Nesse momento, pergunto e percebo pelas respostas que eles começam a perceber a composição da imagem no espaço, as possibilidades de criação que o espaço escolar poderia trazer. Embora nem todas as poesias fossem interessantes no sentido conteúdo/forma, todos os alunos levaram e participaram com empolgação. Nesse momento, a proposta e os resultados já estão bem integrados, são um turbilhão de criações e vontade de dizer!

Dia 18|09



Figura 3. Leitura da poesia com projeção ao fundo.
Fonte: Elaboração própria

Atividade: Elaboração da performance, criação de prováveis temas, usar gírias cotidianas dos alunos.

Objetivo: Elaborar a performance, ativar a criatividade para comportamentos cotidianos dos alunos, extrair do depoimento pessoal de cada um o máximo possível de termos e gírias usados por eles.

Resultado: Filmagens, interação da turma, alteridade, dramaturgia coletiva, catarse dos alunos.

Estratégia: Jogos de desinibição para que o aluno se sinta à vontade no início da aula.

A arte é produto da imaginação assim como o deve ser a obra do dramaturgo. O ator deve ter por objetivo aplicar sua técnica para fazer da peça uma realidade teatral. Neste processo o maior papel cabe, sem dúvida, à imaginação (STANISLAVSKI, 2003, p. 87).

Partindo do princípio de que a imaginação é o que norteia o trabalho do ator, aqui esse pensamento também vale para o performer e o artista em geral. Nesse dia, procuro esclarecer o que seria a imaginação e digo que vamos sempre usá-la para criar, para que assim possamos ter sempre um material que venha da imaginação de cada um.

Depois de um pequeno debate sobre o que imaginar, usamos a brincadeira do telefone sem fio para criar uma história. Peço para que cada um seja o mais mirabolante possível, pois quanto mais a história não parecer de verdade, melhor.

Depois partimos para exercícios de improvisação, nos quais vamos tentar representar a história criada e contada por eles, sem precisar ser fiel ao que falam. A cada improviso, em um momento aleatório eu gritava estátua e todos deveriam ficar sem se mover, então eu escolhia um aluno para contar um fato da sua vida, deixei claro que poderia ser verdade ou mentira, que caberia a cada um escolher. O objetivo era o de simplesmente deixá-los serem criativos e imaginativos. Não havia certo ou errado em nenhuma história.

O resultado foi uma explosão de contos engraçados e mirabolantes, ficou claro que os alunos eram realmente criativos e o fato de falar que poderia ser mentira os deixou bem mais livres para criarem o que quisessem.

Dia 25|09

Nesse dia, no início da aula, passei mal e tive que ser levado às pressas ao hospital.

Dia 02|10

Nesse dia, participei do congresso da Anpol na Universidade Estadual de Londrina PR.

Dia 09|10



Figura 4. Exploração da criatividade para a performance.
Fonte: Elaboração própria

Atividade: Elaboração da Performance, criação de prováveis temas, com arames de plástico criamos a performance *Aprisionamento*.

Nesse dia, após duas semanas fora, volto e percebo que os alunos estão muito entusiasmados com o meu retorno e com a chance de voltarem a performar, percebo que todos compraram a ideia e o impacto dessa recepção calorosa é muito positivo para dar continuidade ao trabalho. Porém, com tanto

entusiasmo juvenil, vejo a necessidade de criar comandos de disciplina, formas de conter e canalizar tanta energia.

Nesse dia institucionalizei que, durante toda a aula, estaríamos em estado de performance. Entrei na sala e os alunos já estariam em câmera lenta ou rápida. Para conter o barulho, falo que os movimentos devem ser feitos em cinema mudo, sem som. Assim consigo uma qualidade de escuta muito boa para conduzir o processo. Com isso acabei com os constantes pedidos de ir ao banheiro e foi possível criar jogos teatrais performáticos.

No início eu sempre proponho as ideias, coloco alguns para dançar, com o tema: A dança que te representa, não poderia ser funk nem nenhuma dança conhecida. Percebo movimentos que são aleatórios, em alguns uma enorme necessidade de aparecer mais que outros e de uma garota em especial, bastante tímida, surge uma dança que eu posso dizer “diferenciada”, enquanto outros faziam movimentos aleatórios, enquanto ela procurava dar qualidade e intenção aos movimentos, que eram mais sutis e intencionados!!

Dia 16/10

Atividade: Responder o questionário de criatividade

Objetivo: Ativar a criatividade para sofisticar a performance, despertando o olhar para situações cotidianas.

Resultado: Questionários respondidos para dar base à performance e alunos motivados a um olhar novo sobre o cotidiano.

Esse exercício deverá ser aplicado sob forma de brincadeira, explicando que não existem respostas boas ou más, certas ou erradas, sendo bem-vinda qualquer ideia. São 10 minutos para o tempo de respostas e depois solicitar que cada aluno leia para a turma. É importante que os alunos que estejam escutando e lembrem-se de outras possíveis respostas que poderia ser dadas, relembando sempre que não existe resposta certa, e sim solução para os problemas apresentados.

O aluno pode responder também, registrando o maior número possível de respostas.

Coloque o nome e guarde no diário de bordo.

*Imagine que você tenha uma varinha de condão com a qual pode mudar o tamanho de todas as coisas. O que você tornaria menor? E maior?

*Imagine que, de repente, você se tornasse invisível. O que faria?

*Imagine tudo o que ocorreria caso fosse possível ler os pensamentos de qualquer pessoa.

*Imagine que você pudesse voar. O que faria?

*Imagine o maior número de usos para um prédio abandonado.

*O que aconteceria se não houvesse mais escolas?

*O que aconteceria se, de repente, todos os telefones desaparecessem?

*O que aconteceria se todas as pessoas se tornassem surdas?

*O que aconteceria se todos nós tivéssemos quatro braços ao invés de dois?

*Como você se sentiria se fosse um arco-íris?

*Como você se sentiria se fosse a primeira flor a desabrochar na primavera?

*Como você se sentiria se você fosse transformado em um gigante?

Dia 23/10



Figura 5. Exercício algoz e vítima.
Fonte: Elaboração própria.

Atividade: Elaboração da performance

Objetivo: Ativar a criatividade dentro de uma estrutura em que os alunos se reconheçam como agressores e vítimas. Buscar, com isso, uma maior empatia e consciência a respeito da importância de se respeitar o colega e suas diferenças, ativar a criatividade para que todos aprendam a solucionar ocasionais conflitos internos.

Estratégia: Colocar cada aluno em situações nas quais eles se sintam constrangidos por outros alunos e depois trocá-los de posição, de modo que os que constrangem são constrangidos e os constrangidos constrangem.

Aqui trabalhei com um jogo/questionário criado para que os alunos trabalhassem com a empatia e a criatividade. Todos responderam e pude notar que os alunos estão cada vez mais criativos e que a maioria tem uma boa consciência de empatia em teoria! E bastante criatividade!

Foram dadas questões que possibilitavam que eles se imaginassem com poder e esse poder foi trabalhado de forma generosa. Depois das respostas, fomos para o jogo teatral, criamos o momento do desfile, inspirado no tapete mágico imaginário, no qual, quando o aluno tocasse, todos deveriam rir, fazer

chacota e era permitido xingar e usar do direito de julgar o colega!! Todos foram hostilizados e todos hostilizaram!

Atividade bastante produtiva, com forte impacto na consciência dos alunos! Logo depois fizemos a discussão da atividade e todos comentaram o fato de terem sido expostos de alguma forma! Atividade educativa aos moldes do que a escola propõe! Conscientizando sobre o *bullying*.

Dia 30/10



Figura 6. Observar a beleza das coisas
Fonte: Elaboração própria.

Atividade: Observar a beleza das coisas.

Objetivo: Aumentar a percepção estética dos alunos, para um maior entendimento do que seja beleza ou para provocar um questionamento sobre o belo.

Estratégia: Levá-los a lugares ditos feios para que observem e achem o que há de bonito ali. Ex: buscar no lixo coisas que sejam bonitas.

Resultado: Imagens, textos criados a partir de uma dramaturgia espontânea sobre o que é belo, alteridade dos alunos e consciência de que o belo está além daquilo que podem imaginar.

Sáímos pela escola com o objetivo de observar e achar beleza na escola! Pedi para que anotassem em seus cadernos tudo que achassem bonito, mas deixei claro que era para olhar os lugares ditos como não bonitos: lixeiras, banheiro, muro da escola, piso e etc.! O resultado foi o proposto, os alunos começaram a olhar lugares que só usavam como passagem e que achavam feios, mas nem sabiam o porquê. Todos participaram com empenho, porém com pouco entusiasmo, pois queriam voltar para aula dinâmica da criação da performance!!

Dia 06/11



Figura 7. Performando pela escola.
Fonte: Elaboração própria.

Atividade: Preparação e finalização de criação de cenas para a performance.

Objetivo: Amadurecer a performance para a apresentação final.

Estratégia: Relembrar cenas já criadas para se tornarem seguros de suas próprias criações.

Resultado: Segurança dos alunos na execução da performance

Um dia bastante produtivo para a criação da performance dos alunos. Em 06/11, propus mais uma exploração pelo espaço escolar, dessa vez com o intuito de performar o espaço.

Descobrimos em conjunto muitas possibilidades. A primeira delas, e a qual norteou bastante o trabalho performático, foi a enorme quantidade de grades pela escola. Daí perguntei aos alunos como se sentiam em um espaço com muros altos, portões de aço e ferro, grade para adentrar ao prédio, grade para usar o salão, grade para a quadra de esporte, grade nas janelas, grades nas salas dos professores, grades para o estacionamento. As respostas surgiram imediatamente: “me sinto em uma prisão”, “parece um presídio”, “é para evitar a violência”, “é como no avatar”, “eu acho que somos tratados como bandidos” etc.

Nesse momento entrei em choque, constatei que a escola é, de fato, muito semelhante a um presídio. Não foi possível notar, pois passamos todos os dias e já estamos acostumados, mas não podemos deixar de usar essas indagações para poder criar e expressar.

Rapidamente retornamos à sala, pegamos uma espécie de tela de borracha e plástico bolha e começamos a explorar nos alunos a sensação de estar amarrado ou preso a alguma coisa! Todos queriam participar.

Enrolamos alguns alunos no plástico bolha e pedimos para que, naquele momento, falasse sua poesia, forma impressadas contra a parede duas das alunas mais participativas, Isadora e Bianca, ambas produziram, ao longo do semestre, belas poesias e, nesse momento, elas falavam, presas à parede com a tela.

Imagens muito fortes foram formadas e, ao decorrer da aula, os alunos foram ficando em silêncio, como se estivessem sentindo que aquela sensação era grave, não foi mais um momento lúdico e divertido como em outros. A

energia pesou de uma forma surpreendente, pela primeira vez no semestre, fizeram silêncio. Um silêncio não imposto, mas instaurado. Dia muito produtivo e interessante, com novas descobertas, sensações concretas e expressão de algo que estava perturbando a todos, mas que ninguém antes ousou dizer!

Deixei claro que não era para criticarmos as condições da escola, apenas pensar naquela situação como algo artístico. Sempre trabalhei com eles que a performance que estávamos criando não era para criticar, nem para dizer o que achávamos certo ou errado, apenas pensar sobre aquilo como algo novo, e que, se surgissem conclusões, elas seriam particulares!

Dia 13/11



Figura 8. Ensaio da performance.
Fonte: Elaboração própria.

Atividade: Ensaio da performance, executando cenas já criadas em aulas anteriores.

Objetivo: Deixar os alunos seguros para apresentação da performance.

Resultado: Confiança e domínio dos alunos com a apresentação.

Estratégia: Ensaiar cenas já criadas para que assim se tornem seguros de suas próprias criações.

Aqui, após varias criações e sugestões, sou aconselhado pela professora titular a ensaiar com os meninos, por que, segundo ela, sem ensaio, sem uma base de sustentação, eles estariam inseguros e, na hora, poderiam “falhar” .

Compreendi, mas deixei claro que o objetivo era deixá-los prontos, não preparados. E o que seria deixar pronto? Há um tempo, antes de ser aluno da Universidade de Brasília, em uma aula de improvisação com a Diretora/atriz Silvia Paes, havia sido dado esse exemplo e que, para mim, fez total sentido.

Quando estamos “preparados” no sentido, texto decorado, deixas marcadas, hora de entrar e de sair, perdemos o frescor, o inusitado, o espontâneo, e nessa proposta, com os alunos, era de fundamental importância que o frescor e o inusitado estivessem presentes. Por esse motivo usei e pensei em trabalhar com eles o estar pronto, para que, no momento em que fizessem, eu apenas daria o comando, a ideia, e eles poderiam agir de forma espontânea.

Pensando assim, segui com os exercícios de lembrar, mas não de marcar, deixamos claro o que ao longo do semestre estaria “em cena”, como sacolas, balões pintados, músicas, grades, tela e poesias. Isso tudo deveria estar, mas como e quando seria uma surpresa.

Ao longo da aula, brincamos com isso, com as possibilidades já criadas, eu dava um comando, espécie de código, e eles entendiam o que era para fazer. Havíamos criado muita coisa e todos se lembravam, mas, ainda sim, surgiu uma nova ideia.

Em 28/08, eu havia mostrado vídeos de performances famosas, uma das alunas lembrou da dança que as bailarinas fizeram no metrô e sugeriu que dançassem como as bailarinas na performance, todos os alunos gostaram da ideia, alguns sugeriram o famoso funk, tão presente no cotidiano deles, mas

venceu a Bauschiana. Lembrei de como se cria uma Bauschiana e fomos criar a nossa.

Pedi para que cada um fizesse com os braços um movimento que lembrasse algo de que gostavam, surgiram coisas interessantes e, com esse material, criamos a nossa Bauschiana. A partir daí foi necessário ensaiar sempre, pois ela precisava estar bem marcada para o dia!

Dia 20/11



Figura 9. Ensaio da performance Aprisionamento.
Fonte: Elaboração própria.

Atividade: Ensaio da Performance, executando cenas já criadas em aulas anteriores

Objetivo: Deixar os alunos seguros para apresentação da Performance

Resultado: Confiança e domínio dos alunos com a apresentação.

Estratégia: Ensaiar cenas já criadas.

Esse foi um dia totalmente voltado para o deixar pronto, deixá-los seguros para semana seguinte. Começamos ensaiando nossa Bauschiana, saímos pela escola para identificar os lugares em que iríamos performar, onde o acontecimento performance iria de fato acontecer. Os alunos têm o lugar do palco muito arraigado em seu pensamento, engraçado pois nunca vão ao teatro, mas sabem direitinho a importância do palco e querem estar no palco.

Relembro o exercício do espaço vazio. Peço voluntários para atividades específicas, a aluna Isadora sugere ficar amarrada declamando sua poesia, isso entra para o roteiro, o aluno Gabriel sugere ficar todo pintado, Gabriel é negro e sugere ficar todo branco, pergunto o porquê e ele diz que assim ele vai estar refletindo sobre como é ser branco de mentira, ia mostrar que não era uma coisa legal, aceito e vai para o roteiro.

A aluna Isadora, também negra e extremamente participativa, diz que vai vir de soldado para mostrar que as mulheres também podem ser fortes e que também poderiam ser militares e pegar em armas. Registro e vai para o roteiro.

Instigo todos a pensarem como querem estar, pensar em uma espécie de figurino. Nesse momento, percebo que uma coisa muito importante aconteceu ao longo do semestre, até os mais tímidos se tornam seguros e propositivos, dispõem-se a usar roupas inusitadas e criativas, como: pintar o cabelo de branco, vestir-se com sacolas, usar um tapete como vestido, uma garota se vestir de soldado. Deixamos livre para que usassem roupas criadas por eles próprios.

Fico muito feliz ao ver que a criatividade de todos está mais ativa e menos preconceituosa, não há mais os comentários maldosos e os olhares de julgamento. Constatamos que isso foi muito positivo, que se a proposta da escola era educar, a educação estava ali, acontecendo ao vivo e na nossa cara, de uma forma lúdica, gerando consciência sem imposição de nada!

Dia 27/11



Figura 10. Apresentação da performance para toda a escola.
Fonte: Elaboração própria.

Atividade: Apresentação da performance para toda a escola.

Objetivo: Proporcionar a experiência cênica de uma performance apresentada para todos os colegas de escola, provocando nos alunos maior clareza sobre o que eles são e o que representam naquele ambiente educacional, tanto para os alunos performadores, quanto para os alunos que assistem e interagem com o objeto apresentado.

Resultado: Sucesso da apresentação e debate com professores e alunos, interesse de outros alunos sobre o que estava sendo apresentado, percepção de que a mensagem da performance foi enviada, repercussão entre outros professores.

E eis que é chegado o grande dia! Chego e os alunos estão naquele clima de alvoroço, de acontecimento, não só os que vão apresentar, mas toda a escola, pois a turma espalhou para os outros colegas e professores.

Na sala dos professores, muitos colegas nunca viram uma performance, estão curiosos e empolgados com a chance de ver, alguns estão com medo e uma outra não quer ver, pois discorda que o que vai ser apresentado seja educativo.

Sobre essa professora que nos ofereceu uma resistência desde o dia em que sugerimos os professores a convidar as outras turmas, em alto em bom som, ela afirma que isso não é educativo, gerando uma pequeno conflito. Com isso eu tive a ideia de, junto com a professora titular, escrever uma carta que seria entregue para cada professor, contextualizando o que é performance e convidando a todos para prestigiar o acontecimento performático, dando horário e dia.

A carta gerou um retorno positivo, os professores entenderam mais ou menos, a direção, que por sinal é bastante aberta, mostrou-se totalmente receptiva, a psicóloga da escola achou, em suas palavras: Maravilhosa ideia!

Como esse era um dia de final de ano e encerramento de semestre, os outros professores de aulas anteriores e posteriores ao horário da aula de artes liberaram os alunos para ficarem apenas com a função de performarem. Também os alunos estavam muito ansiosos para o momento.

Cheguei cedo e fomos deixar o ambiente pronto. Amarrei a tela na grade que liga até as quadras de esportes, barbantes em outra janela, enchemos e pintamos os balões, pintamos o Gabriel de branco da cabeça aos pés com uma tinta própria para pintura corporal, pintamos os cabelos de quem queria que pintasse, espalhamos sacolas plásticas pelo pátio, preparamos as músicas escolhidas por mim e pela professora, pois os alunos só queriam escolher funk e tínhamos restrições claras a esse ritmo, enfim, montamos a cena para que pudessem usar, combinei que iriam sair da sala e se encaminhar na Bauschiana até o pátio e deixamos a aluna que ficaria amarrada em seu devido lugar.

Tudo ocorreu bem, começamos na hora prevista e a duração média da performance foi de 30 minutos, com debate e discussão ao final, que também durou em média 30 minutos. Ao longo da performance, foi possível notar que

toda a escola foi assistir, tornou-se realmente um acontecimento e, para uma escola com alunos de ensino fundamental 2, com idades entre 11 e 16 anos, tivemos um relativo silêncio e momentos de grande envolvimento do público. Silêncios, pausas, rostinhos envolvidos e curiosos com o que estava acontecendo. Aquele ar de novidade com estranhamento e também de encantamento!

A performance

A primeira ação resume-se em simbolizar os gestos dos alunos representados por si próprios em uma dança construída a partir de um movimento que dissesse o que estava sentindo no momento em que foi criada essa coreografia, os alunos saem da sala em fila, realizando o movimento. Cada aluno pegou o movimento individual e, com essa movimentação, construiu a fila, que se repete, em uma espécie de *looping*, até chegar ao meio do pátio.

Nos espetáculos de Bausch, os bailarinos representam a si próprios, suas próprias histórias e impressões sobre o mundo, executando gestos que são facilmente identificados pelo espectador como aquilo que se passa no seu dia a dia (MARKO, 2011).

A segunda ação se resume a brincar com esses gestos, mas de uma forma que se tornem grandiosos e exagerados, poses com movimentos que costumam fazer todos os dias.

O professor dá o sinal e, a cada 4 segundos contados, eles repetem a ação. O tempo vai diminuindo até chegar a um segundo, depois de um minuto se repetindo, uma aluna grita como se estivesse cansada, esse grito é longo e agudo e representa bem os gritos que escutamos diariamente nos corredores da escola, um grito colocado para incomodar os próprios alunos que gritam e não percebem. Esse é o sinal para que todos corram de forma desesperada para a grade que liga ao pátio, onde a aluna Isadora já se encontra presa à grade pela tela e declamando sua poesia, isso é um dos símbolos mais fortes criados ao longo do semestre.

Os alunos que vêm correndo do pátio grudam desesperados à grade e se silenciam, enquanto Isadora continua a declamar. Com esse gesto, sempre estão simbolizando a sensação de se sentirem aprisionados dentro da escola e dentro da sociedade como um todo, isso não se limita só às grades do CED 02 do Cruzeiro, mas às grades de casa, dos prédios, das limitações por idade, classe social, de ter vontade de brincar e não poder, momento de profundo silêncio dos colegas, que assistem e se identificam de alguma forma.

Depois de dois minutos, o aluno Ruan, de 12 anos, se desgruda e começa a xingar os colegas que assistem, aqui, com autorização da direção e da professora titular, foi permitido que os alunos pudessem usar palavrões na cena, simbolizando e trazendo à tona o que todos falam todos os dias no horário escolar e como se tratam, é impressionante como em um único dia de aula escutamos xingamentos de todas as maneiras.

Esse símbolo é forte e claramente se observa o choque do público e principalmente de alguns outros colegas professores. Aos poucos, cada aluno que está na grade se solta e se reúne a Ruan, na tarefa de ofender o público com xingamentos, gestos obscenos e comentários sobre os corpos dos outros que assistem e de seus próprios corpos.

Podia chamar de gordo, orelhudo, narigudo, de tudo. O interessante é que o público assiste calado e sem reação, temíamos alguma reação agressiva, mas não ocorreu, tudo correu bem e em silêncio!

No quarto momento da performance, uma aluna morre abraçada a outra colega, isso simboliza que todos devem correr até Isadora, que está presa, e libertá-la, arrancando com toda força a grade e a levando para o pátio central, onde continuam ainda nas ofensas. Segue o momento do tapete mágico (BROOK, 2000), no qual, quando um aluno coloca o pé, todos devem rir alto e apontar com os dedos, um por um, até todos desfilarem um desfile comum. Todos deveriam andar como andam normalmente e, mesmo assim, esse “normal” deveria causar estranhamento e motivos para risos! Pedi para que ficassem sérios e fossem e voltassem apenas.

No quinto momento, os balões com os rostos pintados já estavam devidamente posicionados por mim e pela professora, cada um deveria pegar seu balão e começar a brincar.

Crianças brincando com os balões, um momento lúdico no qual o símbolo era brincar consigo mesmo ao som da música *The Way You Look Tonight*, o sinal para a mudança seria uma aluna rodar seu balão sem parar, começar a sorrir, mas sem som, apenas um sorriso no rosto, dar tchau continuamente e morrer, calmamente e feliz. Ao chegar no chão, continuaria a dar tchau, mas deixaria claro que estaria morta. A partir daí, cada um faria o mesmo, pedi para que alguns alunos/performers convidassem um amigo para morrer junto, abraçando-se ou dando as mãos, repetiriam o gesto, rodar o balão, sorrir, dar tchau e se deitar, mortos! Esse gesto criado pelos alunos simboliza a banalização da morte e da violência.

Esse momento é o final, até que todos no chão continuariam rodando o balão e dando tchau. Aqui era para o público se dispersar, porém continuaram e os performers decidiram por conta própria se levantar e encerrar como se fosse um teatro, dando as mãos e sendo fortemente aplaudidos. Seguimos para o debate.

No debate, abrimos para o público falar e os alunos/performers responderam. Segue abaixo o diálogo que se sucedeu no debate, com maior participação dos professores, que ficaram bastante curiosos com o acontecido!

Depoimentos sobre a performance

Aluno que assiste: Qual foi a intenção da peça?

Professora: Acho legal você perguntar para os alunos ou para o diretor, pergunta para o professor Lucas.

Aluno que assiste: Qual foi a intenção da peça?

Lucas: Primeiramente não é uma peça, é uma performance. E a intenção da performance é provocar nos alunos um sentimento de indiferença de transformação, é ser provocado pelo *bullying* que tem na escola, pelas

grades que existem, ser provocado pelo espaço da escola que vocês não observam, ser provocado por tudo aquilo que é do cotidiano escolar de vocês e que vocês não percebem. E fala de violência, de morte, desrespeito... tudo aquilo que vivenciam aqui todos os dias.

A psicóloga da escola pergunta aos alunos performers: Como foi para vocês representar dessa forma maravilhosa?

Aluna: Eu não sei para algumas pessoas, mas eu preciso reconhecer que a gente ensaiou, fizemos com muito carinho para as pessoas. E ninguém podia ficar falando, “ah! que coisa idiota”, “que coisa estranha!”, eu fiz isso com amor...E nós estamos aqui agradecendo por vocês terem assistido com boa vontade!

Aluno: Todas as quartas-feiras a gente treinou com o Lucas, muitas pessoas se sentiam com vergonha no início, mas depois, quando a gente começou a ensaiar, todo mundo começou a participar, todo mundo começou a querer fazer algum papel, cada [um] foi fazendo a sua parte e eu espero que todos vocês tenham gostado.

Professora: incomoda a vocês o fato de muitos alunos dizerem que não entenderam?

Alunos em coro: Não!

Aluna: Não incomoda por que já tínhamos conversado sobre isso...e que também quase ninguém desta escola vai ao teatro, então...

Risos coletivos!

A professora de Biologia pergunta:

Eu queria saber se vocês representaram alguma coisa?

Aluna: É que no início do ano, a gente tinha muita mania de ficar se zoando...eu zoava ela, ela me zoava... e o Lucas percebeu isso e fez a gente representar isso...

Professora de Biologia: Então vocês se representaram?

Aluna: É... a gente se zuou.

Professora titular: É que na performance não existe personagem... são os próprios alunos sendo eles mesmos!

Psicóloga: Eu notei que em muitos momentos, eles revezavam... Uma hora um era o algoz e em outro a vítima! Eu fiquei chocada, maravilhada quando notei isso.

Aluna: Eu sei que estou me repetindo, mas eu gostaria muito de agradecer por ter feito essa coisa com a gente, por que foi muito divertido os ensaios, as improvisações... E a gente tornou essa coisa de improvisação... Muito de boa... divertido! Risos generalizados.

Professora titular agradece e os alunos aplaudem!

Professora de Biologia: Quando vocês estavam deitados, vocês estavam mortos? Não entendi direito...

Alunos: Sim, morreremos felizes!

Professora titular: Esse momento tratamos como a banalização da morte, da violência... as pessoas se agridem e continuam rindo e etc.

Aluna: Só entende esse teatro quem é inteligente! Risos generalizados

Professora titular: Esses alunos mal se apresentam e já estão com um ego lá em cima! Mais risos.

Professora de Biologia: Eu queria saber por que vocês usaram os balões, as bolhas de sabão, as redes.

Professora titular: Acho que o Lucas poderia responder.

Lucas: Então tá! Alunos me ajudem. Bom, o balão simboliza a máscara social que eles constroem aqui dentro da escola. Lá no início do semestre, eu levei balões e pedi para que pintassem nos balões cheios, a expressão de

rosto que eles gostariam de ter na escola... o rosto que expressassem o que sentem quando estão aqui. Deixei livre para que pintassem o rosto que queriam... podia ser triste, feliz, bonito, feio... da forma deles, mas era muito importante que as pessoas estivessem por de traz daquele balão!

Sobre a rede, sempre me chamou muita atenção o fato de que a escola é muito gradeada, muito fechada... sempre me perguntei se esse gradeamento todo representa que os alunos do século XXI não sabem lidar com a liberdade ou com a falta de... Como libertar os alunos desse aprisionamento... por esse motivo, criamos aquele momento que deixamos a performer presa nas grades que ligam para área de educação física... Por isso os alunos vão e a salvam da rede... arrancam... como um sinal de liberdade!... Não existe uma definição, também não existe crítica de certo ou errado sobre como se usa essas grades... é apenas a tentativa de usar o espaço como objeto artístico e fazer refletir sobre... sem certo ou errado!

Professora titular: E essa proposta do teatro pós-dramático, assim como os alunos disseram... ah! que ninguém entende, mas essa foi uma proposta que é um desafio que o Lucas trouxe, como trazer esse teatro para escola? Por que as pessoas ainda sentem a necessidade de se ter um texto com início, meio e fim... e esse teatro textocêntrico não se usa mais... Você pode até usar, mas hoje... não atinge mais... não é a realidade deles! E é muito complicado trazer... pelo que sei essa é a primeira vez que está sendo feito teatro pós-dramático na escola!

Diretora: Olha que interessante.

Lucas: Eu pessoalmente acho que o teatro pós-dramático, a performance tem muito a ver com a realidade da escola, muito mais do que o teatro clássico, por que o palco italiano de certa forma cria uma distância... e o objetivo da escola a meu ver, não é ensinar técnicas teatrais, formar atores... é ver o que eles têm a dizer, o que nós temos a dizer sobre esse espaço e como é estar nele, então de certa forma a performance aproxima muito mais... e parar com essa história de que performance é para ser feita apenas para

artistas verem... vimos aqui, hoje, que é totalmente possível de ser feito por alunos da escola pública... tão marginalizados pelos meios de comunicação!

Diretora: E mesmo com todas as dificuldades... de não ter um espaço legal, de não ter uma acústica maneira, vocês fizeram e assistiram e talz.

Professora titular: Teatro a gente faz em qualquer lugar, tendo espaço e público!

Diretora: Estou aprendendo com vocês, parabéns meninos!

Conclusão

Tomo como entendimento fundamental deste trabalho que não existe fórmula para se ensinar teatro na escola. A citação abaixo exemplifica bem isso.

Trabalhar no caos não significa, no entanto, administrar, impor uma ordem, mas sim buscar o significado estético do momento, encontrar o gancho do prazer e da descoberta. Trabalhar no campo da experimentação significa desenvolver a capacidade de fazer observações, fazer escolhas, agir rapidamente, estar atenta à porta, ao grupo, ao garoto ao fundo da sala, à vaia, “amarelou, amarelou” dos colegas quando algum grupo se nega a fazer a cena. Aos diversos “quero beber água”, “quero ir ao banheiro”, “olha só o que ele fez comigo professor”, etc. O professor de teatro como o ator, o guerreiro, necessita treino, percepção aguçada, aberta, 360 graus, atenção e prontidão constante. Por isso muitos educadores ao sistematizar uma experiência pedagógica, nos alertam para o risco de transformar uma metodologia num receituário de normas e regras fechadas. Na prática acabamos por reinventar todos os métodos. Não existem receitas, métodos ideais para se ensinar teatro na escola. O mais importante é aprimorar em si mesmo o que se pretende atingir com os seus próprios alunos, ou seja, desenvolver sua própria capacidade de jogo (SOARES, 2010, p.111).

Desenvolver sua própria capacidade de jogo significa, a meu ver, desenvolver sua própria forma de trabalho, não há como seguir receitas e fórmulas prontas de ensino, cada turma é uma turma, cada ser é um ser.

É preciso sempre estar atento, aberto e receptivo ao que cada novo universo tem a lhe oferecer para que, daí, seja possível bolar um plano de ensino. As escolhas são tomadas no instante em que notamos a necessidade do grupo, as discussões surgem no agora, no instante em que a aula está acontecendo para assim transformar todas essas informações, conflitos, histórias pessoais, rotina escolar, cansaço, desmotivação, falta de interesse, *bullying*, brigas, estresse em material artístico e estético. Não imagino uma escola do século XXI onde os objetivos das aulas sejam apenas transmissão

de conteúdos acumulados. Não vejo sentindo, de acordo com a realidade contemporânea o não uso das várias realidades da atualidade.

O celular não deve ser um problema, e sim a solução. O corpo cansado expressa algo que não necessariamente deve ser desconsiderado pelo professor. Quando entrei a primeira vez em sala de aula no início de 2013, apenas para observar, já constatava que aqueles alunos tinham algo a dizer e que, de certa forma, não tinham voz. Então, por que não transformar essa voz em expressão artística, sem precisar orientá-los a se apropriar de técnicas estabelecidas? Não creio que o ensino de teatro na escola seja o ensino de técnicas, e sim o de autoexpressão. Entrego este trabalho com o entendimento de que a arte está em todos e em tudo, inclusive e principalmente no caos. Desse universo caótico que é a realidade das escolas brasileiras, é possível extrair uma arte bela, genuína e principalmente dita e feita por alunos, de forma autoral.

Através do ensino de da prática de performance, podemos criar condições para que o aluno se expresse dentro de um formato artístico, atuando como agente produtor e criador de discursos que lhe pertençam e que digam para si mesmo o valor de sua opinião e de suas capacidades!

Contribuímos com esse trabalho de várias formas, instaurando discussões como respeito e tolerância à diversidade de individualidades, indagações e angústias próprias da idade.

Nesse contexto, a performance contribui na possibilidade de dar voz. Ao dar a chance de o aluno dizer o que quer dizer, a escola dá o poder de mudança do ambiente social, traz autoconhecimento, autoexpressão e, é claro, alteridade, contribuindo fortemente para uma atitude mais autoafirmativa perante a sociedade!

Finalizo meu relato com a citação de Mendes (2011, p. 46): "Se a cultura carrega a mesma força que a fome, é porque ela é imprescindível, é necessária; se ela é como a fome, é um sinal de necessidade orgânicas".

Referências

BROOK, Peter. *A porta aberta: reflexões sobre a interpretação e o teatro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

COHEN, Renato, *Performance como Linguagem: Criação de um tempo-espaço de experimentação*, São Paulo: Perspectiva, 2007

GLUSBERG, Jorge. *A arte da performance*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

MARKO, Ana Julia. *Estilização do gesto cotidiano*. Disponível em: <http://experimentopinabausch.blogspot.com.br/2011/08/estilizacao-do-gesto-cotidiano-ana.html>. Acesso em: 15 jun. 2017. Originalmente publicado em: 11 ago. 2011.

MEDEIROS, Maria Beatriz, *Aisthesis; estética, educação e comunidade*, Brasília, Argos editora universitária, 2005.

MENDES, Carminda, *Teatro pós-dramático na escola: Inventando espaços: Estudos sobre as condições do ensino do teatro em sala de aula*, São Paulo: Editora UNESP, 2011.

SCHECHNER, R. *Performance e antropologia de Richard Schechner*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Quem escondeu o currículo oculto*. In Documento de identidade: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte, Autêntica, 1999: 77-152.

SOARES, Carmela, *Pedagogia do jogo teatral: Uma poética do efêmero o ensino do teatro na escola pública*, São Paulo, Hucitec, 2010.

STANISLAVSKI, Constantin. *A preparação do ator*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

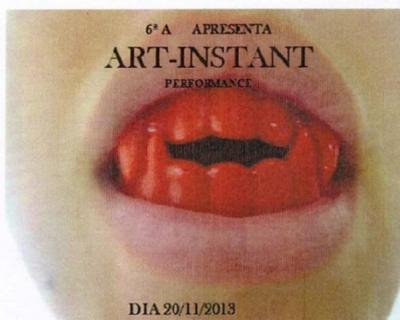
Anexo I – Carta convite para a performance

Profess@r, obrigada por prestigiar o espetáculo Art- Instant! Eu e Lucas Gomes (projeto PIBID/UNB) gostaríamos de contextualizar a proposta para que todos tenham entendimento do que foi trabalhado antes de chegarmos ao resultado final. Se possível, pedimos que discutam com seus alunos em sala, após o espetáculo, sobre o que viram.

No segundo bimestre, detectamos na 6ªA um comportamento negativo pautado na falta de respeito entre os alunos. Eles se agrediam verbalmente e a humilhação daqueles escolhidos como os "diferentes" era uma constante.

Decidimos trabalhar essas questões através da performance, que era o interesse de pesquisa do Lucas. Durante as aulas, o Lucas conduziu os alunos em exercícios nos quais eles deveriam se colocar nas posições antagônicas de agressor e/ou agredido e ainda na posição de observador e/ou julgador. Dessas vivências foi criado um roteiro para a apresentação.

Percebemos que as experimentações durante as aulas evoluíram muito, os alunos começaram a se perceber como agentes de intolerância e seus comportamentos obtiveram uma real melhora. Dessa maneira, a construção do espetáculo abriu um espaço importante para discussões sobre questões sensíveis na escola.



Sobre performance:

Richard Shechner define performance como ação, e propõe explorá-la em diferentes domínios, em que as práticas artísticas aparecem ao lado de rituais, atividades esportivas, comportamentos cotidianos, modos de engajamento social etc.

Para saber mais: http://www.revistaohun.ufba.br/pdf/ze_mario.pdf

Professores Wanuzá Marques e Lucas Gomes

2013

Dia 25/11/2013
6.ºh.